



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**CAMINHOS EXPERIENCIADOS: REFLEXÕES SOBRE ESPAÇOS E
SUAS POSSIBILIDADES EDUCACIONAIS**

Lucilaine da S. Lêla Gomes

BRASÍLIA – DF

2015



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Lucilaine da S. Lêla Gomes

CAMINHOS EXPERIENCIADOS: REFLEXÕES SOBRE ESPAÇOS E SUAS POSSIBILIDADES EDUCACIONAIS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora da
Faculdade de Educação da Universidade
de Brasília como requisito parcial e
insubstituível para conclusão do curso de
Graduação em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fátima Lucília Vidal
Rodrigues

BRASÍLIA – DF

2015

Gomes, Lucilaine da S. Lêla.

Caminhos Experienciados: Reflexões sobre Espaços e suas Possibilidades Educacionais/ Lucilaine da S. Lêla Gomes. – Brasília, 2015. 59 páginas.

Ensaio – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2015.

Orientadora: Doutora Fátima Lucília Vidal Rodrigues.

- 1. Espaços Educacionais**
- 2. Possibilidades Educacionais**
- 3. Educação Alternativa**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Lucilaine S. Lêla Gomes

**Caminhos Experienciados: Reflexões sobre Espaços e suas
Possibilidades Educacionais**

Comissão examinadora:

Professora Doutora Fátima Lucília Vidal Rodrigues
Orientadora e Examinadora

Professor Doutor Renato Hilário dos Reis
Membro titular da banca – Universidade de Brasília

Professora Mestra Taísa Resende Sousa
Membro titular da banca – Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir viver, experienciar e aprender diariamente com as pessoas ao meu redor e oportunidades que me proporciona.

A minha Família, por ser uma estimuladora e não deixar com que eu desanime na busca e realização dos meus sonhos.

Ao meu tio Erimar e aos primos Jéssica e Fernando, por me acolherem gentilmente em sua casa na reta final de conclusão deste trabalho.

Ao meu namorado, Rafael, por ser especialmente atencioso, companheiro, me incentivar e me ajudar a ser melhor a cada dia.

As minhas amigas, Kádma e Camila, por estarem presente nos momentos alegres e tristes da minha caminhada.

Ao meu amigo, Lucas, por ter sido o primeiro a acreditar em mim como educadora e pelas inúmeras trocas que realizamos.

Aos amigos Alisson e Giovanni, por terem feito da casa deles uma República de Estudos cheia de alegria e aprendizado.

Aos amigos do grupo “Pip’s”, por serem sempre os melhores.

As professoras Maria Lidia e Fátima Vidal, por terem sido extremamente gentis e atenciosas comigo e com meu trabalho.

A toda a equipe da Casa Redonda, por me permitirem a maravilhosa experiência de conhecer esse espaço e todas as pessoas que lá frequentam.

A toda a equipe da Vivendo e Aprendendo, por acreditarem no meu trabalho e me possibilitarem o estudo e atuação neste espaço.

A todos os caminhos que pude percorrer e pessoas que neles encontrei, por exercerem fundamental importância na constituição do meu ser. Pelos aprendizados e experiências que tive com todos eles e todas elas, muito obrigada!

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Parque da Vivendo e Aprendendo visto do portão de entrada.....	43
Figura 2. Brinquedos fixos no tanque de areia.	44
Figura 3. Cercado onde os brinquedos devem ser guardados ao término da hora do Parque.....	44
Figura 4. Casa do Lobo construída pelo Ciclo 2 matutino do ano 2014 com a ajuda dos pais da turma e associados.	45
Figura 5. Galpão da Vivendo e Aprendendo. Espaço multiuso de interação, socialização, brincadeiras e reuniões.....	45
Figura 6. Salas da aula denominadas Ciclos. Sala Azul, Amarela e Lilás.....	46
Figura 7. Tatame com almofadas da Sala Azul.....	46
Figura 8. Mesas e bancos da Sala Azul.	47
Figura 9. Combinados do Ciclo 5 Vespertino, Sala Laranja.	47
Figura 10. Rampa do portão ao "centro-base" do terreno da Casa Redonda.	49
Figura 11. Espaço multiuso redondo aberto e coberto na descida do terreno.	49
Figura 12. Gramado na lateral do terreno e brinquedos feitos com materiais readaptados.	50
Figura 13. Tanques de areia.	50
Figura 14. Gavetas com areia denominadas pela Peo de "caixas da democracia"...	51
Figura 15. Argila, ferramentas e materiais disponibilizados para a livre utilização das crianças.....	51
Figura 16. Interior da Casa Redonda, mesas e brinquedos disponíveis para o uso livre.....	52
Figura 17. Canto das fantasias e instrumentos musicais.	52
Figura 18. Lateral e entrada da Casa Redonda Centro de Estudos.....	53

SUMÁRIO

Agradecimentos	5
Lista de Ilustrações	6
Apresentação	8
1 Sobre narração, experiência e aprendizado	10
2 Infância e caminhos escolares: a formação social de um ser	12
2.1 Os desabrocharem de um Jardim	12
2.2 As podas pelo caminho de flores	16
2.3 Que flor pra ser, florescerá.....	21
3 O fazer-se e o tornar-se educadora: um reencontro um reencanto	25
4 Lá onde os sinos não tocam	30
4.1 Vivendo e Aprendendo: Uma combinação de descobertas.....	30
4.2 Casa Redonda: Uma ciranda de possibilidades.....	35
5 Em uma ciranda de vivências	43
5.1 Vivendo e Aprendendo.....	43
5.2 Casa Redonda	48
Considerando as Perspectivas.....	54
Referências	57
Apêndices.....	59

APRESENTAÇÃO

Revisitar caminhos já percorridos é reviver emoções e situações com um novo olhar. Refazer esses meus caminhos foram essenciais para me reconhecer com o que sou a partir do que já vivi. Minhas experiências, inquietações, limitações e vontades, são frutos do meio em que cresci, dos espaços que pude conhecer, das relações que foram estabelecidas e de como absorvi tudo isso. De como disse sim ou não ao que já me foi apresentado até aqui.

O presente trabalho, que assume a forma de ensaio, nasceu a partir de minhas vivências desde a infância até o momento atual. A inquietação sobre os modelos educacionais existentes, nos quais conheci enquanto estudante são as bases de minhas reflexões enquanto pedagoga. Na busca de compreender um pouco mais sobre os espaços escolares, suas possibilidades e a educação como um todo, dialoguei com alguns teóricos, pensadores, pensamentos e experiências dando forma e luz ao que estava dentro de mim.

O reconhecimento dos espaços em que se circulam e nos quais se estabelecem relações com o meio e com os outros ali presentes como um espaço também formador é essencial para pensarmos na forma como esses ambientes estão organizados e como favorecem, ou não, o maior número de trocas possíveis. Especialmente quando se fala da escola, é importante refletir sobre como essa organização interfere nos tipos de relações que são proporcionadas, com o meio e com os outros, e, também sobre como esse ambiente colabora para a formação de sujeitos mais inteiros, autônomos e criativos, a partir de suas próprias experiências.

O modelo de ensaio, adotado neste trabalho, foi escolhido por estabelecer o diálogo e reflexões da autora entre seus estudos e pesquisas com seus sentimentos e opiniões, dando-lhe lugar e voz. “O ensaio é a forma de categoria crítica de nosso espírito. Pois quem critica precisa necessariamente experimentar, precisa criar condições sob as quais um objeto pode tornar-se novamente visível” (BENSE, 1947, p.420; apud ADORNO, 2003, p. 38). Faço-me desta maneira, presente neste trabalho com relatos da minha vida e entrelaçamentos com estudos e reflexões acerca dos espaços educacionais e suas possibilidades. A vivência narrativa ensimesmada pelo caminho acadêmico deste trabalho é fruto de meditações,

justificando-se pela materialização de minhas experiências, tornando-as comunicáveis e existentes para além de mim (BENJAMIN, 1994, p. 3).

O ensaio nasce como uma forma de pensar de quem o escreve e assume assim, um caráter dialógico com o leitor e com o tema proposto. Estabelecendo uma reflexão a partir de experiências e teorias, mas não se prendendo às suas comprovações: “o ensaio deve sua liberdade na escolha dos objetos, na soberania, diante de todas as “prioridades” do fato concreto ou da teoria” (ADORNO, 2003, p. 39). Mesmo assim, o ensaio não está isento de regras ou modelos, sendo este, um trabalho de caráter também científico.

Com a minha vivência universitária, conheci espaços educacionais e práticas inovadoras de educação que me encantaram. Escolas que deixam as suas crianças serem livres para brincar, sentir, falar, pensar e, de fato, formarem-se como humanos em um meio social e não somente como futuros trabalhadores para o mercado. Desta forma, refletindo a partir do que vivenciei enquanto estudante, construí uma ponte entre o que conheci na universidade e que faz parte, não somente da minha vida profissional atualmente, mas também pessoal. Assim, o presente trabalho divide-se em duas grandes partes que se entrelaçam: memorial e ensaio, minhas considerações e perspectivas futuras.

Entendo hoje, a necessidade e importância de se pensar em novos espaços e propostas para educar de uma maneira mais humana, consciente, presente no momento da criança, de construções e brincadeiras. Essa responsabilidade não se limita ao espaço escolar, tão pouco começa nele. Convido vocês, leitores, pais e educadores a refletirem comigo sobre a educação, espaços e as possibilidades que oferecem aos seus educandos. E também, a colocarem suas memórias e experiências nessa grande ciranda que é a nossa sociedade.

1 SOBRE NARRAÇÃO, EXPERIÊNCIA E APRENDIZADO

Do entrelaçamento de minhas experiências com inquietações, pesquisas e estudos, nasceu este ensaio que pode ser considerado uma narração argumentativa. Começar uma reflexão sobre os espaços educacionais e suas possibilidades a partir de minhas experiências como estudante e como pedagoga, é um desafio e um prazer diante de cada descoberta.

O desafio se justifica principalmente diante da complexidade que as palavras ‘experiência’ e ‘narração’ apresentam. Segundo o dicionário Aurélio, Experiência significa: 1. Prática de vida; 2. Habilidade ou perícia resultante do exercício contínuo duma profissão, arte ou ofício. Enquanto Narração seria: 1. Exposição oral ou escrita de um fato, narrativa; 2. Conto, história.

Quanto à experiência, não a relato como uma forma de verdade, não é a perícia resultante da minha atuação pedagógica, não é a busca de ser um exemplo. A experiência aqui se define pela busca da transformação daquilo que eu desconheço e ainda não descobri, para que seja um novo aprendizado e para que seja reaprendizado quando se fizer necessário:

Também a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo (LARROSA, 2014, p. 5).

Essa abertura ao desconhecido é também essencial em educação, quando consideramos que não é possível prever nenhuma ação-reação, menos ainda os sujeitos que estarão em contato conosco. Porém não só para a educação, mas para a vida, nossos olhos, ouvidos, mentes e corações devem estar abertos para o novo e para renovação. É dessa maneira que a experiência se concretiza: pelo que nos acontece, pelo que fica, pelo que nos toca depois que tudo nos passou (LARROSA, 2014, p. 18). Só assim poderemos educar e reeducar os outros, mas primeiramente, nós. Só assim construiremos experiências capazes de transformar a nossa prática pedagógica e nossa vivência humana.

A intenção de uma narração de minhas experiências neste trabalho é para que, através delas, possa nascer algum aprendizado. Para Walter Benjamin, a

narração tem uma dimensão utilitária, por transmitir ensinamentos através da história (LIMA; BAPTISTA, 2013, p. 467). Não tendo o objetivo de apresentar explicações, a narração permite aos leitores espaço e tempo para refletirem, meditarem acerca do que lhe é apresentado, desta maneira, fazendo também, parte da história.

Essas narrações das minhas experiências, entrelaçadas com reflexões teóricas, visam uma maior aproximação e interação com o leitor. Além disso, somente seria possível transmitir tamanha alegria e encantamento com as escolas que conheci enquanto educadora dessa maneira. Sintam-se ao longo dessa leitura, convidados a entrarem numa grande roda de trocas, numa grande ciranda.

E o prazer, se apresenta nas diversas vezes em que pude cantar, dançar, aprender, ensinar, trocar e multiplicar todas essas experiências com as pessoas que estão ao meu redor através da narração, de diálogos, vivências e escritas. O aprendizado é isso: conhecer algo, se apropriar dessa descoberta e fazer com que ela frutifique em nós. Espero que este meu ensaio seja mais uma boa frutificação da minha “árvore da vida”, que as minhas experiências ascendam mais alguma luz no mundo, além da minha.

2 INFÂNCIA E CAMINHOS ESCOLARES: A FORMAÇÃO SOCIAL DE UM SER

Muitas vezes, só entendemos o motivo de ter percorrido certo caminho quando chegamos a um lugar que dá sentido a tudo que já foi passado. Então tentarei contar, junto com as memórias e a experiência refletida, os sentidos que hoje entendo de todas elas. A questão que me acompanhará ao longo desse ensaio pode ser sintetizada na seguinte pergunta: É possível vivermos experiências de liberdade e aprendizagem na educação infantil, sem que os corpos sejam docilizados e confinados a um espaço estrito?

2.1 Os desabrocharem de um Jardim

Sou brasiliense como minha mãe, meu pai é carioca. Na maior parte da vida morei em Sobradinho, quinta Região Administrativa do Distrito Federal e, por esse motivo, pude acompanhar mudanças significativas na cidade e, principalmente, na rua em que moro. Porém, minha trajetória educacional começa no Rio Grande do Sul, em Pelotas, quando tinha três anos de idade e morava no estado com minha mãe. Embora não recorde muito da instituição em que estudei lá por ser muito nova, me lembro de que era perto de casa e que “minha tia” era quem me levava e buscava com mais frequência do que minha mãe, pois esta precisava trabalhar. O clima foi bem marcante pra mim e conviver na casa dessa família do sul que não é oficialmente minha, é a família do meu irmão que nasceu lá, foi um presente e até hoje reconheço a importância de todas essas pessoas queridas. Mas voltando para Brasília, cidade em que morei e estudei desde então, não só o clima mudou como um novo universo me foi apresentado.

Cresci na mesma rua em que minha mãe e meus tios cresceram, pois minha avó e meu avô mudaram-se para Brasília no início de sua construção. Assim como minha família, grande parte da vizinhança se constitui de pessoas com uma trajetória parecida. Desta maneira, é fácil compreender a relação de proximidade com essas pessoas que, para além de qualquer divisão entre os lotes, compartilham muitas histórias. Minha mãe e meus tios são amigos dos pais e familiares das minhas amigas e amigos. Sou a filha mais velha da minha mãe e também do meu

pai, a primeira neta dos dois lados da família e, assim, acompanhei o nascimento e crescimento de todos os meus irmãos e primos.

A relação que tínhamos durante nossa infância e que existe até os dias atuais, é uma linda e feliz recordação. As brincadeiras, aniversários e comemorações eram uma grande celebração da vida de todas essas pessoas e dessa comunidade que foi construída ao longo dos anos. Diversas vezes, as brincadeiras das crianças eram compartilhadas com os adultos, onde mães, pais e filhos jogavam, corriam, dançavam e comemoravam juntos. Essas amizades deram lugar a outros laços ao longo dos anos. As amigas e amigos da minha mãe e dos meus tios são minhas tias, madrinhas e tios e eu, sou tia e madrinha dos filhos das minhas amigas. Tudo muito natural e harmônico nesse meio que crescemos e que as “nossas” crianças também crescem.

Minha primeira escola em Brasília foi o Jardim de Infância 02, que fica próximo à minha casa. Uma escola relativamente pequena, mas da qual guardo grandes e felizes memórias. Lá conheci vários amigos que tenho até hoje e, além disso, foi onde comecei a entender que o mundo não acaba nos limites dos muros da minha casa ou da minha rua, ele apenas começa ali. O ingresso numa escola foi o início de encontros diários com os outros que também ocupavam esse espaço e com as possibilidades de aprendizagem que as interações nos proporcionam. Além disso, a organização desse espaço escolar refletiu diretamente em como essas relações eram estabelecidas.

Ao entrar nesse Jardim de Infância, um grande pátio é visto com inúmeras pinturas de brincadeiras no chão e é possível enxergar ainda da entrada, um jardim ao final da escola, olhando-se o horizonte. No limite, entre a entrada e o horizonte do Jardim de Infância, as brincadeiras, encontros, conversas e descobertas eram também, um grande jardim que diariamente, floria e enchia aquele lugar de várias cores, sorrisos e perfumes. As salas de aula ficavam ao redor desse grande pátio e delas, lembro-me de muitas organizações circulares de mesas e cadeiras ou até mesmo no chão. Aumentando desta maneira, a interação com os outros que estão ao meu lado e também com os que estão na minha frente. Concordo com Maria Amélia Pereira quando refletindo sobre o ato de brincar em seu texto: “Derrubaram os últimos jardins para construir prédios”, nos relata certo modelo de organização já conhecida por nós:

Creio ser uma questão de direitos humanos impedir que as crianças, em sua primeira infância, fiquem presas em salas de aula, amontoadas quase como presidiárias, tropeçando umas nas outras, impedidas de colocarem seu corpo em movimento livre, quando sabemos que há todo um desenvolvimento psicofísico ocorrendo nessa etapa do desenvolvimento humano (PEREIRA, 2002, p. 55).

Quando me lembro do meu tempo no Jardim de Infância, ocorrem-me questões sobre como esse espaço escolar possibilitou interações e trocas valiosas entre as pessoas que o frequentavam. É importante considerar que as estruturas físicas e arquitetônicas de uma edificação transmitem muito mais do que os seus tijolos podem sustentar. Elas carregam em si as intenções, valores, ordem, disciplina e vigilância, uma espécie de discurso que se materializa em sua forma. Assim, é possível delegar à estrutura física da escola, papel relevante na formação de seus educandos, já que interfere diretamente na maneira com que se ensina e se aprende em determinado espaço. Para Agustín Escolano, “o espaço-escola é um mediador cultural em relação à gênese e formação dos primeiros esquemas cognitivos e motores, uma fonte de experiência e aprendizagem” (1998, p. 26).

É através do espaço, escolar e não escolar, que as crianças e também nós, estabelecemos relações afetivas com esse ambiente e as pessoas que por ali circulam, transformando-o em um lugar. Dando significado e absorvendo o que acontece ao seu redor, de acordo com as relações que são estabelecidas “o espaço se projeta ou se imagina; o lugar se constrói” (FRAGO, 1998, p. 61). E essa construção é realizada diariamente com as múltiplas possibilidades que esses espaços proporcionam. Neste sentido, cabe ainda pensar que, no ponto de vista da Geografia Humanística, o lugar é o espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço do vivido, do experienciado (CAVALCANTI, 1998, p. 89).

Enxergo aqui, que aquele Jardim me fez florescer em diversos sentidos. Em datas comemorativas, acima de qualquer importância que se dê a elas dentro dos espaços escolares, as representações culturais se fortaleciam no meu inconsciente e a cada dança, teatro, música ou apresentação, eu me encontrava com a arte que estava presa em mim e que de alguma maneira, precisava sair. Sou muito espontânea, conversadeira e desde pequena me identifico com variadas expressões artísticas e culturais. Comecei no Jardim a participar de todas as apresentações que eu podia e até hoje, me encontro diariamente com a minha parte que precisa dançar, que precisa de música, de teatro, de arte, de poemas e poesias.

Neste sentido, corroboro com a afirmação de Escolano (1998, p. 28), “as pessoas e os objetos se relacionam precisamente através de sua separação no e pelo espaço”, podendo este ser reorganizado e alterado de acordo com as necessidades e intenções das pessoas que o constituem. Vejo a cultura e a arte como essenciais na constituição desses espaços transformando-os em lugares, fazendo com que as relações sejam mais facilmente estabelecidas e também mantidas pelo encontro da parte sensível que está presente em todos nós. Desta forma, reconheço naquele Jardim de Infância o ambiente familiar que era, onde todas as professoras de todas as turmas conheciam todas as crianças, seus familiares e formavam assim, uma teia de afetividade essencial ao desenvolvimento infantil.

São a partir das interações da criança com outras crianças, os educadores, pessoas envolvidas na educação e os espaços que ocupam, que elas se desenvolverão em termos cognitivo, emocional, psicológico e motor. As relações que são estabelecidas com todas essas partes dependerão das possibilidades que terão de experimentar cada uma dessas e várias outras combinações. “Essa tomada de posse do espaço vivido é um elemento determinante na conformação da personalidade e mentalidade dos indivíduos e grupos” (FRAGO, 1998, p. 63). A escola deveria então, ser o principal ambiente de trocas e proporcionar assim, que em seus espaços as crianças desenvolvam ao máximo seu potencial investigativo.

Especialmente quando falamos de Educação Infantil, é através das brincadeiras que as crianças se relacionam com os outros e com o meio, estabelecendo laços afetivos e aprendizagens. Para Maria Amélia Pereira, a criança é um aprendiz nato. E para além do que as estruturas ou currículos escolares afirmam como necessários, as crianças querem “apenas um lugar, seu *habitat*, com espaço e tempo suficientes para que brincando possam *crer-ser*” (2002, p. 52). Assim, levaremos em consideração o entendimento de que brincar é essencial ao desenvolvimento infantil e o espaço e tempo para que tal atividade seja permitida é fundamental em ambientes escolares.

Se as escolas são os segundos lugares onde as crianças devem ser estimuladas e possibilitadas de crescerem em todos os sentidos, considerando que o lar seja o primeiro, é nas escolas então que as brincadeiras devem ser especialmente exploradas. No documentário “Tarja Branca” (2014), a brincadeira da

criança é a dança do adulto, é a sua manifestação cultural. E esse movimento de expressão é entendido como essencial ao ser humano, pois dessa maneira, ele se encontra consigo mesmo. Assim, como na fala de Renata Meirelles: “me confundo comigo adulta e comigo criança”, percebo-me em diferentes espaços fazendo aquilo que, dentro de mim, não existem limites. Faço desses espaços, lugares em que a expressão cultural, artística ou de um simples pensamento, sejam maiores que qualquer delimitação imposta.

O Jardim de Infância foi uma extensão da minha rua, em relação às vivências que lá tive. Esses espaços, a rua e essa escola, guardam histórias e uma significativa importância na construção do meu ser, quando lembro que pude brincar, correr, dançar, cantar, pular e nessa ciranda de muitas estripulias, desenvolver relações de completo aprendizado com os outros e de mim mesma. Assim como uma árvore, que ao longo dos anos cresce e produz frutos e flores, fui crescendo e percebendo que são necessários alguns elementos básicos para que tal desenvolvimento aconteça. E reconhecer que minha infância foi cheia de possibilidades e encontros é, além de uma grande alegria, um alívio.

2.2 As podas pelo caminho de flores

Como exposto anteriormente, as possibilidades de expressões e manifestações presentes nos lugares aos quais tinha convivido até então, foram essenciais na minha formação e constituição enquanto ser humano. Dessa maneira, tornei-me a cada dia, mais espontânea, conversadeira e livre de muitas limitações que hoje percebo existirem principalmente em ambientes escolares. Pelo menos dos que eu passei ao longo desses onze anos, entre o ensino fundamental e ensino médio. Dividem-se da seguinte maneira: cinco anos em que passei por três escolas diferentes e seis anos que permaneci em uma mesma. Relato então, minha história vivenciada nesta última escola.

Permaneci durante seis anos, em uma das escolas da rede La Salle. E as diferenças com o Jardim de Infância vão além da faixa etária de seus educandos. Manteremos nossa atenção na organização de tal espaço escolar e das relações que ali foram proporcionadas. A começar pelo tamanho, posso afirmar com grande propriedade que dentro do colégio La Salle caberia pelo menos, dez Jardins de

Infância. Proporcionalmente às suas dimensões, a quantidade de educandos presentes ali, era uma notável exposição de qual a finalidade desta instituição. Além do professor responsável pela sua sala, só saberiam o seu nome caso fosse um aluno-problema ou um gênio em potencial.

Antes do início das aulas, quando os sinos tocam pela primeira vez, todas as turmas se organizam em fileiras para que façam uma oração e após os sinos tocarem pela segunda vez, cada turma segue para sua sala. Nas salas de aula, uma espécie de palco delimita o lugar dos professores que, lá de cima, conseguem enxergar, vigiar, fiscalizar e reprimir os acontecimentos indesejáveis em todo esse quadrado. Os alunos por sua vez, sentam-se sempre em seus lugares mapeados anteriormente, respeitando as limitações e potencialidades de cada um: quem tem alguma dificuldade senta na frente, seguido pelos alunos que se destacam por suas notas. Atrás destes, os que ficam na média e no fundo, os mais altos dividem o espaço com os que já não são muito interessados em aprender ou que são classificados como problemas.

Em todas as portas das salas de aula, uma pequena janela permite a quem está fora, fiscalizar o que está acontecendo dentro. O uso de uniforme, além de obrigatório, era alvo de advertências caso não o tivesse vestido. Uma caixa de som instalada em cima do quadro negro permite aos membros da coordenação e direção, darem avisos, advertências ou mensagens para todos os alunos da escola. As chamadas são organizadas com os nomes de cada aluno, que recebe um número. E algumas vezes, era possível ser reconhecida pelo número que a chamada me atribuiu, mas não pelo meu nome. Nos espaços abertos da escola, mesmo que independente de divisões, elas existiam e materializavam-se na formação dos grupos. Um movimento natural do ser humano é juntar-se com os seus semelhantes, os que possuem afinidades. Mas será que essa semelhança ou afinidade é fruto do que esse espaço pode proporcionar?

A escola agrega em seu currículo, além dos conteúdos e disciplinas existentes, vários elementos que contribuirão para a formação dos seus educandos. Esses elementos estão camuflados em seus regimentos, horários, metodologias e de maneira silenciosa, na organização do seu espaço. Entender que as estruturas físicas das instituições educacionais fazem parte do seu currículo e interferem diretamente na maneira como seus educandos aprenderão com o meio e com quem

está ao seu redor, é um passo importante para a compreensão de sua real finalidade.

O surgimento de uma estrutura escolar em que o controle estivesse alicerçado em suas paredes, determinou durante muito tempo as relações que ali ocorriam, ou não, e, além disso, determinou a forma como os estudantes se relacionavam entre si e com esse espaço. O modelo dessa organização tradicional escolar surge de um modelo ideal de presídios, o Panóptico de Jeremy Bentham, 1791. Nele os detentos ficavam enquadrados em um espaço circular e no meio existia uma torre, nessa torre, tendo ou não uma pessoa encarregada da vigilância, a sensação é que a todo o momento são vigiados e seus corpos limitados não somente a esse espaço, mas também a impressão de que nem suas imaginações ou pensamentos podem ultrapassar a limitação imposta por essa estrutura. A impressão de que eles mesmos não são maiores que ela.

Os castigos passaram a ser menos corporais e mais psicológicos. Os detentos, embora sofressem com as torturas aplicadas, sofriam mais ainda com o entendimento de que sua identidade já não era algo único, menos ainda compreendida. A diminuição das penas físicas deu lugar a uma prisão maior, a prisão da alma. Embora camuflado de um discurso que faziam com que as prisões tivessem mais respeito e humanidade com os detentos, na verdade essas modificações se referem somente ao objeto da ação punitiva. Não se mudou a intensidade, somente o objetivo. Os castigos agora atuavam diretamente sobre os corações, intelecto e vontades desses corpos, “que o castigo, se assim posso exprimir, fira mais a alma do que o corpo” (MABLY, 1789, p.326; apud FOUCAULT, 2012, p. 21).

Nesses espaços, os indivíduos seguiam uma rotina de extrema disciplina e limitações. Possuindo além de tarefas a cumprir, um corpo submisso às vontades impostas e obedientes aos ditames desta instituição, um corpo que não mais lhe pertencia e que ele não possuía mais forças sobre si. Esse espaço da prisão foi especialmente pensado para substituir a condenação à morte, em vez de expor os corpos à sociedade juntamente com as mazelas contra esse ser até que ele morra, agora, a prisão seria o lugar para fazer desse corpo uma existência sofrida e sem valor. Condicionar e reduzir esses seres a atividades, potencialidades e aptidões que foram pensadas para atender às necessidades dessa instituição em que está

inserido, ou melhor, garantir através de tamanho domínio, que a instituição dê conta desse corpo, de forma que ele se torne submisso a ela, que o corpo também seja assim, uma prisão.

O Panóptico de Bentham surgiu como uma solução ideal. A estrutura em si já era uma punição aos que nela estavam presos, além da própria rotina e organização piorarem a limitação desse ser que agora, já fazia parte desse sistema limitador e repressor. É desse mesmo modelo que surgem as estruturas essenciais de hospitais, manicômios, quartéis e também de escolas. “Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar” (FOUCAULT, 2012, p. 142). Sendo responsáveis pela educação desses corpos e mentes para que atendam as demandas que o social lhes impôs, mais ainda, que não representem nenhum tipo de ameaça contra essa estrutura que a escola teve durante muito tempo.

Juntamente com ela, uma infinidade de regras, hierarquias e modelos disciplinares entraram nesse espaço, sendo os responsáveis pelo funcionamento de todo esse modelo quadriculado de Educação. Surgem os horários, a rotina a ser seguida, os rituais que deveriam ser feitos e todas as engrenagens que fariam esse mecanismo funcionar: “o totalitarismo supõe a pretensão de projetar, planificar e fabricar o futuro, ainda que para isso tenha de antecipar e produzir, também, as pessoas que viverão no futuro, de modo que a continuidade do mundo permaneça garantida” (LARROSA, 2013, p. 190). A rigorosidade com que as escolas foram se estruturando não só fisicamente, mas também com os componentes invisíveis de hierarquia e regimento, foram essenciais para que ela se fortalecesse e garantisse a ordem e a disciplina em seus espaços.

A eficácia do modelo de Bentham era comprovada mesmo onde as estruturas não seguiam fielmente o padrão definido por ele. A própria geometria do espaço garantia aos que possuíam o poder que ainda tinham o controle. Em contrapartida, a própria inatividade dos sujeitos vítimas desses espaços, garantia a sua eficácia, mesmo quando não era real. Os próprios sujeitos se mantinham presos e submissos a esse sistema. As escolas conseguiam, então, a disciplina e ordem necessárias para fazer com que os alunos não ultrapassassem os limites impostos por ela. Os sujeitos dessa educação podem ser assim reconhecidos:

A criança que se encontra nos nossos currículos pedagógicos é um ser sem corpo e sem alma, classificada por idade cronológica, colocada sobre um chão sem terra, aculturada, debaixo de um autoritarismo disfarçado em teoria de conhecimento, que determina o que deve ser ensinado e como deve ser ensinado, desconectado de qualquer relação significativa para a vida real das crianças (PEREIRA, 2002, p. 53).

O tempo no colégio La Salle era dividido entre os horários de aula e o intervalo. Agora, na minha grade horária, não cabiam danças, músicas e brincadeiras. Nessa divisão, o mais aguardado e feliz pra mim, era o horário das aulas de educação física e artes. A primeira por me deixar por alguns minutos, acreditar que eu estava na minha rua, numa grande brincadeira com as minhas amigas e amigos; a segunda por me permitir desenhar, pintar, criar, descobrir e realizar obras de acordo com o que eu sentia e queria, numa grande dança entre o meu coração, meu pensamento e minhas mãos.

Além desses momentos, as datas comemorativas nesta escola acabavam sendo uma válvula de escape pra mim. Nas apresentações, mesmo que fossem com coreografias ensaiadas, eu podia sair do quadrado da minha mesa e dançar como se fosse uma encenação somente minha, para todo aquele público que estava ali para ver os seus filhos e suas filhas, não somente a mim. Mas a sensação que eu tinha era essa, esse momento era meu! E dançava como se estivesse em um show. Nos trabalhos das aulas de artes sempre era a última a terminar, por ser perfeccionista. Meus desenhos, colagens, montagens, maquetes ou o que fosse, recebiam o maior cuidado, atenção e carinho do meu ser. Nesses momentos, eu não estava em um quadrado, estava no meu mundo encantado, mesmo que por um tempo e espaço determinados.

Ainda que tenham sido pequenos os horários em que a arte e manifestações culturais estivessem presentes no La Salle, são as minhas melhores lembranças dessa escola. E entendo que a preocupação desta instituição de ensino é quantitativamente medida pelos seus alunos que conseguem significativas aprovações cognitivas em sua trajetória. Pergunto-me se a minha experiência no Jardim de Infância, na minha rua e com as pessoas que cresci foram mais significativas em termos psicológicos, sociais, emocionais e afetivos do que as vivenciadas no colégio La Salle. E ainda penso que se a minha trajetória até lá, não exerce mais influência sobre o que sou hoje, do que as que eu tive a partir de lá.

2.3 Que flor pra ser, florescerá...

Refletindo a partir dessas duas experiências educacionais que foram por mim vivenciadas, percebo que embora não exista um modelo certo ou errado para ser eleito, a organização dos espaços educacionais exerce papel fundamental na formação de seus educandos. Pensando além disso, é triste saber que existem diversas escolas com estruturas físicas e pedagógicas inapropriadas e que mesmo assim, funcionam de maneira precária. Muitas vezes, oferecendo um ensino também precário. O pior lado desse grande cubo formado de várias faces como estado, país, concepções, propósitos e às vezes até religião, é o fato de que todo mundo sobrevive a uma má educação.

Essa falha na educação prejudica não só os estudantes em ambientes escolares, mas também como seres humanos ou como futuros trabalhadores. Pois, uma educação que não possibilite o máximo de experiências e integrações entre cognitivo, psicológico, social, emocional e motor, ainda que não seja uma sentença de morte, é um triste desperdício de um ser humano que não pôde descobrir e valorizar todo o seu potencial. Sendo possível o reconhecimento da seguinte fala sobre a preferência que é dada ao cognitivo dos educandos:

Sob esse equívoco, é criada uma teoria ensino-aprendizagem baseada, unicamente, na construção do conhecimento intelectual, ou melhor, de um pseudoconhecimento, uma vez que confunde, assustadoramente, informação com conhecimento (PEREIRA, 2002, p.50).

Querer reprimir o que é próprio da criança, colocando-a num quadrado onde seus movimentos são controlados de forma que ela não atrapalhe o que foi planejado, é uma maneira de assegurar o controle da turma. Por outro lado, também pode contribuir para que a criança perca o gosto pelo aprendizado, uma vez que pode limitar as suas experiências somente ao que lhe é apresentado. Nesse sentido, há o questionamento sobre esse modelo educacional quanto às suas limitações, não somente em relação as suas estruturas físicas, mas também pelas suas intenções enquanto instituições formadoras. Levando-nos a refletir se existe algum modelo de escola que integre mais as partes que formam e constituem os seres humanos. Além disso, abre também o questionamento sobre qual a formação que queremos e defendemos para nossas crianças.

No decorrer da história da humanidade, nem sempre as crianças foram reconhecidas e tratadas como tal, mesmo não sendo possível negar sua existência. Durante anos, a concepção de criança como um adulto em miniatura favoreceu a anulação desse pequeno corpo cheio de vontades, desejos e curiosidades, fazendo com que não houvesse distinções entre o que seria próprio dos adultos e o que seria próprio das crianças. Dessa maneira, os ambientes, os assuntos, as ocupações e até as vestes eram apropriadas a todos. A ideia de infância surge como estrutura social e como condição psicológica no período da Renascença, durante o século XVI, com o surgimento da imprensa tipográfica. “E como as crianças foram expulsas do mundo adulto, tornou-se necessário encontrar um outro mundo que elas pudessem habitar. Este outro mundo veio a ser conhecido como infância” (POSTMAN, 1999, p. 34).

Foi quando reconheceram que as crianças não compartilhavam das mesmas vontades e comportamentos dos adultos, necessitando assim de espaços e atenção direcionados a elas. Segundo Neil Postman, a primeira lei que proibiu o infanticídio é “uma extensão da ideia de que as crianças necessitam de proteção e cuidados, de escolarização e de estar a salvo dos segredos dos adultos” (POSTMAN, 1999, p. 24). Por outro lado, não significa que a solução seja delimitar os espaços apropriados para as crianças e educa-las segundo as necessidades que os adultos julgam necessárias. É preciso estudar e compreender as especificidades dessa fase da vida, sem limitar as suas potencialidades:

Todos trabalham para reduzir o que ainda existe de desconhecido nas crianças, para submeter aquilo que nelas ainda existe de selvagem. Então, onde estão a inquietação, o questionamento e o vazio, se a infância já foi explicada por nossos saberes, submetida por nossas práticas e capturadas por nossas instituições, e se aquilo que ainda não foi explicado ou submetido já está sendo medido e assinalado segundo os critérios metódicos de nossa vontade de saber e de nossa vontade de poder? (LARROSA, 2013, p. 185).

Mais importante do que compreender suas características, especificidades, limitações ou capacidades, a infância deve ser primeiramente respeitada. Respeitada por nós adultos quando não imposta, quando não interrompida ou não reprimida. Acreditar que cada ser humano é único e especial, que a sua existência já trás em si uma complexidade e infinidade de impossível mensuração ou classificação. Nossa missão como educadores, além de mães e pais, é sermos os

principais estimuladores das experiências das crianças, o máximo que pudermos “a verdade da infância não está no que dizemos dela, mas no que ela nos diz no próprio acontecimento de sua aparição entre nós, como algo novo” (LARROSA, 2013, p. 195).

A percepção de que a repressão de algumas vivências em determinadas fases da vida das crianças posteriormente se manifestavam em dificuldades pontuais na vida adulta, foi um dos temas tratados no documentário “Tarja Branca” (2014). Nele a importância da brincadeira e da permissão das expressões naturais da criança, é explorada e apresentada como essenciais a esse desenvolvimento humano e também educacional, que começa antes mesmo da entrada em alguma instituição de ensino. A importância é atribuída pelo fato de possibilitar a reflexão dos educadores sobre o binômio escola/dominação, além de valorizar no processo de aprendizagem o que é essencialmente da criança, que pode emergir naturalmente de brincadeiras e manifestações artísticas ou culturais.

Com a negação dessas crianças como seres essencialmente brincantes e curiosos acontecendo nas instituições educacionais, espaço onde elas deveriam ter a possibilidade de desenvolver seu potencial criativo e investigativo, há o risco de que ocorra uma formação parcial. A formação de indivíduos que utilizam somente o cérebro, de máquinas com um funcionamento “programado” e perfeito. Indivíduos que possuem o cognitivo desenvolvido desproporcionalmente ao corpo que possuem, corpo que é cheio de vontades e necessita de experiências que o potencializem e não que o diminuam (KEN ROBINSON¹).

A partir dessa reflexão, a proposta das escolas deveria ser a de permitir que em seus espaços as crianças consigam vivenciar toda a sua plenitude, aprendendo com as diversas experiências e contatos. Não somente obedecendo, mas sendo as protagonistas de seu processo de aprendizagem. Partindo também do entendimento de que a escola é uma miniatura da sociedade, proporcionar a partir de então, que as atenções não se foquem ao desenvolvimento cognitivo. Que também se voltem para as instâncias que constituem o ser humano e o fazem ser inteiro, um cidadão com responsabilidades e direitos, consciente no social e em sua individualidade.

¹ Ken Robinson: Especialista em criatividade em palestra com o título: “As escolas matam a criatividade?” na conferência TED (Tecnologia, Entretenimento e Design), realizada na Califórnia, EUA, em Fevereiro de 2006. [http://www.ted.com/talks/ken_robinson_says_schools_kill_creativity#t-23594].

Além de qualquer concepção de escola e de educação que possamos nos basear, existe um ponto essencial que antecede a preocupação com o meio escolar, o social. As escolas e seus modelos educacionais nasceram em um contexto e atendem a uma determinada população, que também formam essa sociedade. Então, cabem as perguntas: qual sociedade temos e queremos? Para qual sociedade estamos pensando em educação? E ainda, quem são os sujeitos dessa educação? É importante refletir sobre as nossas concepções e valores para que possamos pensar em espaços, soluções e possibilidades que potencializem as nossas ações.

Atualmente, é possível encontrar escolas que desde muito cedo, acostumam seus educandos a preocuparem-se somente com o espaço que “lhe cabe” e ao que lhe é apresentado. Inserindo essas crianças num ambiente competitivo e individualista, ensinando como queremos que essa sociedade capitalista funcione. Esse cenário escolar inicia-se às vezes, na Educação Infantil, mas se agrava a cada ano que se segue. Limitando as crianças aos espaços de suas mesas e cadeiras e muitas vezes limitando também os seus interesses:

Como disse uma criança de seis anos, que entrou pela primeira vez numa escola para fazer o teste de “prontidão”, para entrar na 1ª série do ensino fundamental das escolas particulares: “A escola é engraçada! A gente entra numa sala onde todo mundo senta de costas para todo mundo e uma professora fica dizendo tudo que a gente tem que fazer” (PEREIRA, 2002, p. 52).

Ao meio social em que cresci, atribuo significativa importância em minha formação. Não somente por ser cheio de laços afetivos, brincadeiras e encontros valiosos, mas especialmente por me permitir explorar as minhas habilidades, desejos e a partir de experiências, descobrir os meus gostos. Por saber que ali, onde eu não era avaliada e nem comparada com os melhores ou piores, me enxergavam como sou. Com todas as minhas potencialidades e limitações que existem, mas que são exatamente elas que fazem eu ser assim: inteira e única.

3 O FAZER-SE E O TORNAR-SE EDUCADORA: UM REENCONTRO UM REENCANTO

A transição do Ensino Médio para uma Instituição de Ensino Superior durou um ano. Entre reflexões sobre os cursos e estudos, fui voltando a minha atenção, sempre entre as áreas humanas, para os cursos de Pedagogia, Psicologia e Letras. Identifico-me com muitas profissões ou com especificidades de algumas profissões, principalmente as que são relacionadas ao meio social e às relações interpessoais. Prestei o vestibular para Pedagogia com a ideia de estudar e entender mais o social que me rodeia, a infância e seus processos psicológicos, as interações que construímos com os outros, e seguir com o curso sem pretensões de entrar numa sala de aula.

Tenho ciência do quanto uma educadora possui influência e é vista como um exemplo por seus educandos, principalmente na Educação Infantil. Por esse motivo, existe o risco de que educadores prejudiquem mais do que ajudem os seus alunos e alunas. E meu maior medo era não conseguir ser boa suficiente, de não entender o que eles precisam e merecem, e acabar “estragando” todos, colocando-os numa caixa, onde ficasse bem mais fácil ter o controle sobre qualquer coisa que pudesse vir a acontecer. Assim seria melhor pra mim, não pra eles.

Entrar na Universidade de Brasília, UnB, nunca foi um sonho meu e nem de longe imaginava o quanto esse lugar, as pessoas que o constituem e as oportunidades que me proporcionaram seriam tão significativas e especiais na minha vida. Conheci várias pessoas, me reaproximei de outras que são verdadeiros presentes e, sem a mínima dúvida, tornaram e diariamente fizeram com que essa caminhada fosse mais encantada, leve e feliz.

Encontrei professoras e professores maravilhosos, tive disciplinas que me acompanharão sempre, independente e além da minha formação ou atuação profissional. Entendo aí a importância de poder explorar não só as disciplinas que formam o currículo do curso, mas de aproveitar e crescer diariamente com as descobertas e encontros que a universidade proporciona na maior potencialidade possível. E esses encontros foram facilitados pelos espaços que a UnB disponibilizava. Nos corredores, nas salas de aula ou no restaurante, é difícil permanecer sozinha, ainda mais quando conversar é naturalmente uma ação

possível entre duas pessoas. Assim, posso dizer que fiz amigos em quase todos os departamentos desta universidade.

Na Pedagogia, os Projetos são um caminho para o conhecimento das diversas possibilidades de atuação dos Pedagogos e Pedagogas, nesses, meus velhos sonhos artísticos voltaram à tona. Comecei no Projeto² 3, Musicalização Infantil com a professora Patrícia Pederiva, com o intuito de inserir a dança como consequência natural da música e, quando entrei numa sala de aula, por ser parte obrigatória do Projeto, fiquei encantada. Nossa atuação foi realizada na Casa de Ismael, uma instituição que recebe crianças com histórico familiar difícil, muitas vezes violento e que além de um espaço destinado à educação, existem literalmente casas que recebem essas crianças quando suas famílias não possuem condições.

Logo no primeiro dia, fui surpreendida por questionamentos dos alunos maiores que queriam saber o motivo do Projeto ser limitado a uma turma de crianças de dois a três anos. Não me aguentei, conversei com a professora Patrícia sobre a possibilidade de expandir o Projeto para a outra turma também e, em acordo com a Coordenação, eu dividiria o meu tempo de Projeto em dois, com os pequenos e com os maiores. Deu certo e o tempo que fiquei nessa escola foi fundamental para o início da minha identificação com o “ser professora”.

Seguindo o fluxo pedagógico, abraçamos em nosso currículo, as disciplinas que estudamos nas séries iniciais para compreender qual a melhor maneira de ensiná-las: as relacionadas ao psicológico, suas especificidades e especialidades; aquelas que proporcionam uma reflexão social sobre o papel dos Educadores, poder público e do próprio país na formação de pessoas críticas, humanas, educadas, sensíveis e conscientes. Nesse caminho, encontrei a Geografia e comecei a entender a ligação entre o lugar que se habita, as relações que ali ocorrem com respostas e interferências que o homem e o espaço trocam no decorrer da história.

Iniciei o Projeto 4, que se refere ao estágio supervisionado, tendo a Geografia como eixo central, com a professora Maria Lídia na intenção de relacionar a Geografia com a arte, claro. O Geografando Artes foi um Projeto que fazia com que os alunos chegassem aos conceitos geográficos e entendimento deles por meio de

² PESPE – Projetos Individualizados que visam à vivência prática do fazer pedagógico de acordo com as áreas de interesse dos educandos em diferentes contextos institucionais, articulando no processo formativo extensão, pesquisa e ensino.
(https://wwwsec.serverweb.unb.br/matriculaweb/graduacao/disciplina_pop.aspx?cod=194689) acesso em 03/08/2015.

músicas, poemas, histórias e brincadeiras. O estágio foi realizado na Escola Classe 106 Norte e durante um ano, acompanhei uma turma de quarta série, atualmente o quinto ano. Essa experiência foi essencial na minha formação acadêmica: a questão que se colocou a partir disso não era mais relacionada ao ser ou não educadora, mas que tipo de educadora eu quero e posso ser.

Durante esses estágios, todos os dias os alunos me acendiam uma lâmpada, as ideias, vontades e questionamentos foram nascendo e amadurecendo. Perceber um retorno deles, o carinho, foi fantástico por me mostrar um lado que anteriormente eu tinha pavor, mas que comecei a ter certa afinidade e até mesmo me superando e sendo a cada dia, surpreendida ao entrar numa sala de aula. Ouvir elogios dos meus alunos e perceber a atenção que eles dedicam e colocam quando eu falava ou fazia algo, foi amolecendo o coração e me mostrando que é possível fazer e ser a diferença em qualquer lugar em que se esteja.

Paralelamente às disciplinas obrigatórias e optativas do curso de Pedagogia, conheci diversos outros departamentos nos quais tive experiências fantásticas, que me fizeram refletir sobre a minha condição primeiramente, humana. Que a profissional é uma extensão, uma consequência, não a única causa da minha existência, assim como a acadêmica é uma parte disso, uma parte desse caminho de entendimento e reconhecimento do meu ser, não a minha vida toda. Destaco aqui duas disciplinas das quais guardo, além dos conhecimentos adquiridos, carinho pelas pessoas que conheci e com as quais pude realizar trocas durante elas: Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais, da Antropologia e Psicologia da Personalidade, da Psicologia.

As experiências com os Projetos e Estágios ascenderam em mim a vontade de fazer algo pela educação. Ao mesmo tempo, refletindo a partir das escolas em que estudei, um abismo se fazia presente entre o que eu pensava ser ideal e o que eu via acontecer em diversas instituições educacionais. Entre o que eu queria que fosse possível e o que eu vivenciei ao longo desses anos.

Comecei a refletir sobre qual seria o sentido da Educação: um eterno processo de aprendizado para um bom retorno no futuro, passar no vestibular ou num concurso e assim alcançar o sucesso? E o que acontece com essas crianças e adolescentes que antes de chegarem a esse estipulado “pódio”, são e precisam ser verdadeiras crianças e adolescentes? O que a escola faz, poderia ou deveria fazer

para que nenhuma etapa fosse anulada, mas potencializada para que fosse um caminho de verdadeiras vitórias, descobertas também humanas e sociais, e não somente cognitivas? Que tipo de educadores somos e que educandos formamos para a sociedade? E, novamente, qual sociedade queremos?

Em novembro de 2013 participei da primeira Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação, CONANE, realizada aqui em Brasília. Encontrar pessoas que possuem as mesmas inquietações que eu, conhecer projetos, alternativas que tentam mudar essa realidade do modelo tradicional escolar, compartilhar experiências, desafios diários de educar e também ser educado, foi incrível e sem dúvida, um divisor de águas não só na minha formação acadêmica, mas na minha vida pessoal e profissional. Porque querer mudar o mundo eu sempre quis e sempre acreditei ser possível, mesmo que fosse somente o meu pequeno mundo, mas saber que mais pessoas acreditam que essa transformação é possível e que temos força pra isso, foi lindo!

Fui me interessando mais ainda pelas alternativas possíveis para a educação e conhecendo um pouco das que existem aqui em Brasília. Conheci a proposta da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo durante o CONANE e participei do processo seletivo para ser professora substituta. Nas observações da rotina da Vivendo e Aprendendo, que é parte da seleção, tive vários espantos encantados e compreendi que educar é primeiramente, deixar ser. Que as descobertas e dúvidas podem surgir no meio de brincadeiras e com isso, deixando as crianças serem, as chances de eu “estragar” alguém diminuem bastante. Esse simples ensinamento me fez repensar as diversas vezes em que tentei ensinar a uma criança a maneira “certa” de fazer algo e as diversas vezes em que me falaram o que era certo, como deveria ser feito.

Atualmente sou professora substituta da associação e a cada dia em que fico lá, atuando ou observando, percebo que parte da solução para uma educação mais humana é exatamente isso: deixar ser e naturalmente o conhecimento será construído. Muitos desencontros da educação poderiam ser evitados se nós adultos, possibilitássemos às crianças espaços e ferramentas para que se encontrem primeiramente com o humano delas, para que depois encontrem com o humano do outro. Peço emprestadas as palavras do poeta José Régio, que em seus “Poemas de Deus e do Diabo”, nos diz:

*"Vem por aqui" — dizem-me alguns com os olhos doces
Estendendo-me os braços, e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: "vem por aqui!"
Eu olho-os com olhos lassos,
(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)
E cruzo os braços,
E nunca vou por ali...
A minha glória é esta:
Criar desumanidades!
Não acompanhar ninguém. (...)
Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,
Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: "vem por aqui!"
A minha vida é um vendaval que se soltou,
É uma onda que se alevantou,
É um átomo a mais que se animou...
Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou
Sei que não vou por aí!"*

Muitas coisas ainda me inquietam. O processo de educar e educar-se são infinitos, é um eterno caracol que se forma e se desfaz dentro de nós. Mas sinto que estou fazendo um bom caminho de entendimento de mim, do mundo e do que posso fazer para que o lugar onde eu esteja seja sempre melhor com a minha presença.

4 LÁ ONDE OS SINOS NÃO TOCAM

Além da proposta da Escola Infantil Vivendo e Aprendendo, durante a minha trajetória acadêmica e conversas com professoras da Faculdade de Educação, conheci também a Casa Redonda Centro de Estudos. Uma experiência que busca uma prática inovadora ao educar. Essas duas alternativas educacionais e seus espaços serão objetos das reflexões a partir de agora. São elas as responsáveis pelo meu reencontro com o que sentia em relação ao Jardim de Infância, pelo meu reencontro com a Educação enquanto possibilidade de transformação do social, do meio e do interior dos seres humanos.

4.1 Vivendo e Aprendendo: Uma combinação de descobertas

Localizada em Brasília, Distrito Federal, a Vivendo e Aprendendo caracteriza-se por ser uma escola sem muros. Suas limitações são feitas com cercas que permitem às crianças a visão do que está acontecendo do lado de fora e às pessoas que estão fora, a visão do que está acontecendo em seu interior. O atendimento da instituição é feito para crianças de 2 a 7 anos, entendida como Educação Infantil em nosso país. E possui atualmente, uma média de 145 crianças, divididas nos turnos matutino e vespertino.

A Vivendo e Aprendendo foi fundada em 1982 por pais, acadêmicos e profissionais da educação, que não estavam satisfeitos com as propostas educacionais disponíveis. Desta forma, buscando uma alternativa para a educação de seus filhos e crianças, criaram uma escola em que a ideia seria de igual responsabilização de todas as pessoas envolvidas: pais, professores e associados. A proposta educacional encampada por esse grupo previa que o conhecimento e aprendizado não fossem limitado somente aos alunos, ampliando também para todos os membros dessa associação, envolvendo-os num processo de construção de si mesmo e do outro.

Em Abril de 2014, a Associação iniciou processo seletivo para professores. Com o intuito de fazer parte do quadro de profissionais da instituição, enviei meu currículo. Participei de todas as fases desse processo que consta de: observações, relatório sobre as observações e entrevista com os membros da comissão de avaliação e progressão, e por fim, fui selecionada.

Segundo o estatuto norteador da Vivendo e Aprendendo, a democracia e a gestão coletiva são valorizadas em sua administração. Onde pais, educadores e associados dividem o mesmo espaço e possuem direito a voz equiparada quanto às decisões da associação. Um exemplo foi durante a entrevista em que participei no processo seletivo. Seis pessoas estavam presentes, entre elas, professores e pais de crianças da escola. A proposta pedagógica da Vivendo, leva em consideração as singularidades de cada criança, bem como, o entendimento que são seres humanos de vontades, desejos e sentimentos.

Sendo então professora substituta da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, pude fazer várias observações e interagir com crianças de todos os Ciclos da escola, como são denominadas as turmas. Uma abordagem relevante refere-se ao lúdico e ao diálogo, que exercem papel central durante as atividades propostas e momentos livres. Mantendo o foco da aprendizagem no processo e não em resultados possíveis de mensuração, o lúdico é o responsável por alimentar a curiosidade e atuar diretamente no crescimento diário das crianças. Possibilitando que sejam crianças e aprendam brincando.

O que atualmente, mais do que nunca, tem valor imensurável por permitir às crianças o contato com o outro, com o ambiente, com todas as possibilidades de expressão de sentimentos e pensamentos. Desenvolvimento de habilidades, equilíbrio, lateralidade e psicomotricidade, a liberdade de exploração, expressão e de criatividade que o mundo online não permite em sua essência, contato humano com humano, com o meio, com animais, com tudo ao vivo!

Sorrisos, boa tarde, olá, tudo bem, abraços. Foi assim que começou minha primeira tarde na Vivendo e Aprendendo e a acolhida feita de maneira extremamente respeitosa e gentil é somente uma das pequenas coisas lindas que encontrei lá. Ao chegar à sala, inicialmente me espantei com os pais trazendo suas filhas e filhos até aqui, entrando na sala, conversando com as professoras, com as outras crianças da turma, com os outros pais que também iam chegando. Mas entendo que esse espanto inicial é apenas uma visão limitada do modelo de educação que eu tive, e que é exatamente por isso, que a Vivendo e Aprendendo pode ser considerada uma comunidade educativa.

Vários outros espantos encantados vieram em seguida. Não existe uniforme; pé no chão é quase a regra e não uma exceção; amorosidade reina em sala de aula

e em todos os espaços, colos, abraços, beijos; fala e escuta são valorizadas em qualquer momento; nenhuma manifestação de punição ou castigo; relações humanas entre todas as pessoas, respeito; pais que se encontram, conversam, se conhecem além das reuniões de pais, tão frequentes em outros modelos escolares, na Vivendo, é um encontro diário; além deles colaborarem ativamente na execução de tarefas ou manutenções da escola. Durante a organização de uma festa que acontece semestralmente na associação, por exemplo, a decoração foi elaborada e executada pelos pais. Ao final das aulas, cada um ajudava um pouco durante a semana do evento e no dia, também participavam da montagem e posterior organização do espaço.

A rotina de atividades nas turmas é basicamente a mesma. Começa com uma roda inicial onde todos conversam sobre as novidades do dia anterior, fim de semana ou feriado, viagens ou qualquer coisa que foi importante. Em seguida pode ser um momento livre de brincadeiras ou algo proposto pelas professoras e professores, na sala ou fora dela, até mesmo na roda ainda. Mas em sua maioria, são atividades realizadas fora da sala de aula e quando retornam, as salas já estão organizadas para o lanche.

Em cima das mesas durante o lanche, sempre três objetos essenciais: o lixo orgânico, o lixo seco e a cesta para as trocas. A ideia é que o desperdício seja evitado, assim, quem não quer o lanche que trouxe, coloca na cesta e pode pegar o que outros colocaram na cesta também. E as trocas ocorrem além dela, da mesma maneira. Nos dias de lanche coletivo, de responsabilidade de alguns alunos escolhidos anteriormente, predominam frutas e sucos naturais. Na realidade, essa predominância é percebida diariamente nos lanches individuais também, mas quando coletivos, a intenção é não prejudicar os que possuem alguma restrição alimentar. Após o lanche, um intervalo no qual todas as turmas se encontram no pátio e quando voltam para a sala, geralmente existe uma atividade proposta mais tranquila para que se acalmem para a roda de leitura ao final do turno.

O intervalo da Vivendo e Aprendendo é de uma hora, denominado de “Parque”, e é na verdade, um grande encontro! Além de todas as crianças brincarem juntas independentemente das idades ou turmas, as professoras e os professores conhecem e interagem com todas e, além disso, alguns pais e membros da

coordenação também participam desse momento. Percebo o intervalo da Vivendo como uma grande turma reunida, uma grande troca.

No parque, algumas divisões são possíveis estabelecer: uma parte com areia, onde ficam os brinquedos fixos de balanço, “trepá-trepá”, escorregador e “roda-roda” (Figura 2); um cercado que guarda os brinquedos de parque, que quando termina sua hora, todas as crianças são responsáveis por ajudar a guarda-los (Figura 3); uma casinha construída com a intenção de desmanchar a imagem de que o Lobo é Mal, sendo então a Casa do Lobo (Figura 4); um grande gramado que se divide em um campo improvisado de qualquer coisa, a depender da vontade das crianças (Figura 1); uma corda amarrada em uma grande árvore; mais alguns brinquedos fixos feitos de concreto e barras de ferro; além das diversas árvores que existem serem também, instrumentos de brincadeiras, abrigo e proteção.

Durante a vivência com e entre as crianças, é natural que alguns conflitos surjam. O diálogo é especialmente explorado nesse momento! Essa mediação de conflitos é realizada com todas as partes envolvidas. Dando assim, voz e ouvidos às crianças, respeitando seu espaço e suas emoções, promovendo a consciência e sentimento de alteridade em relação ao outro. O “não gostei” é o primeiro ensinamento que absorvi desse espaço escolar. Desencontros acontecem e sempre acontecerão em qualquer interação social. Na Vivendo e Aprendendo, as crianças, professores e associados são livres e entendem que serão respeitados quando escutam algum “não gostei”. E sobre isso, acredito que certamente teríamos adultos mais compreensivos e verdadeiros, caso todos aprendessem ainda criança, a expor suas opiniões e sentimentos.

Não significa uma repressão ou imposição, é apenas a expressão de um sentimento e opinião que partem do interior de cada um. Uma situação interessante ocorreu quando, numa turma do Ciclo 3, uma menina que brincava de casinha com outras crianças e uma boneca, fez de conta que a boneca teve uma atitude que julgou indevida e disse para ela: “filhinha, eu não gostei disso”! Esse entendimento de que todos possuem sentimentos e podem expressá-los, é uma bonita realidade dessa escola.

Dividida entre seis salas de aula denominadas de Ciclo, aos quais são atribuídas cores, cada turma é reconhecida então, pela cor de seu Ciclo. Sendo elas: lilás, amarela, azul, verde, rosa e laranja (Figura 6). Por todos os cantos da

escola, é possível reconhecer espaços que prezam pelo coletivo, pelo fazer junto. No galpão (Figura 5) ou nas salas de aula (Figura 8), as mesas são compartilhadas e visam proporcionar uma maior interação de todos esses sujeitos. Não existem lugares marcados, todos os lugares são de todos, esses espaços são nossos!

O tatame existente em cada sala (Figura 7), lugar onde são realizadas as rodas de conversa e leitura, é um lugar que exerce papel essencial na constituição desses pequenos grupos que são cada sala. Eles são os responsáveis por tornar essa integração efetiva, quando neles, são concentrados os momentos de diálogos, entendimentos, e trocas de experiências. A proposta é que a interação não se limite a esse espaço, que ela esteja presente em todo período de aula da Vivendo e Aprendendo, dentro ou fora das salas. Mas reconheço que é ali onde nascem os primeiros laços entre os educadores, as crianças e suas famílias.

Sem a existência de regras ou algum regimento interno que dite o que pode ou não acontecer dentro do espaço da escola, são as crianças que realizam esses combinados (Figura 9) a partir das necessidades de cada Ciclo. Podendo aqueles, serem modificados ou renovados a depender da demanda existente em determinado momento. Alguns combinados das salas são estes: não pode gritar porque dói o ouvido; não pode empurrar as crianças porque dói; pode fazer careta engraçada se quiser; pode abraçar quem quiser, se o outro quiser também; pode gritar do lado de fora da sala. Uma clara demonstração de que as crianças sabem o que querem, o que gostam ou não gostam, além de uma postura democrática e respeitosa quanto aos gostos dos outros.

As atividades propostas pelas professoras e professores possuem um fundo didático interessante, por colocarem a maior importância no processo e não no resultado em si. Assim, as crianças possuem liberdade para pensarem e se expressarem como quiserem, não existindo um encaminhamento de como deve ser feito ou de uma maneira certa ou errada. Tudo é válido e importante! Uma amostra disso é quando são disponibilizadas cola ou tintas para a realização de um trabalho com pincel. Poucas foram as vezes em que, pelo menos uma criança, não se pintou toda ou se encheu de cola. E esse comportamento é tão natural e aceitável, que as mochilas das crianças, sempre possuem segundas e terceiras opções de roupas, caso se molhem, se pintem ou se sujem demais.

Um planejamento não consegue garantir que algum objetivo seja alcançado, pois depende também do receptor dessa mensagem ou ideia. Sendo então extremamente válido que as professoras e os professores tenham sensibilidade para perceberem se alguma atividade cabe ou não no momento e mais ainda, se as crianças estão tranquilas, agitadas ou nervosas demais para tal. A partir do conhecimento de quem são essas crianças, suas preferências, potencialidades e limitações, é possível fazer um trabalho mais eficaz e sensível.

Entendendo que alguns dias serão mais tranquilos que outros, mas sabendo que pequenas descobertas e aprendizagens são realizadas a cada segundo por esses pequenos seres humanos. E a nós, adultos, educadores e familiares, ficam as tarefas de atrapalhar o mínimo possível e potencializar o quanto puder.

4.2 Casa Redonda: Uma ciranda de possibilidades

Um longo período de negociação foi necessário para que eu conseguisse chegar à Casa Redonda Centro de Estudos. Por ser uma instituição com um trabalho diferenciado de ensino, vários outros estudantes e pesquisadores já tinham agendado suas visitas, além das diversas atividades que ocorrem na escola comprometerem a disponibilidade da própria. Com uma explicação detalhada, além de uma longa troca de “e-mails” com a Giselle, responsável pela parte administrativa da escola, a visita foi possível e marcada para a semana seguinte a essa conversa. Exigindo de mim, uma rápida organização que foi facilitada por várias mãos iluminadas.

Baseando-me pelo mapa de São Paulo, meu roteiro estava perfeito! Chegaria ao aeroporto de Congonhas, pois era mais perto do meu destino final, me hospedaria na Vila Madalena, onde julguei ser extremamente perto pelo mapa, cerca de vinte quilômetros e me deslocaria todas as manhãs para a Casa Redonda. O marido da minha amiga e vizinha é de São Paulo e, pedir algumas dicas a ele me pareceu uma ótima ideia. Quando cheguei na casa dela e conversamos sobre a viagem, além dele me achar uma louca, me informou que a família de sua cunhada, Sandra, era de Carapicuíba.

A partir dessa informação, contatei a Sandra e conversamos bastante sobre essa minha experiência. A Sandra por sua vez, foi o canal entre mim e a família

dela, que me receberam de maneira ímpar, cheia de carinho. Não poderia imaginar que fosse tão bem acolhida por pessoas que eu tinha acabado de conhecer. Mas as coincidências que vieram depois foram uma pequena amostra da experiência incrível que estava começando. O lote da família da Sandra fica na rua acima da rua da Casa Redonda. Ele se divide em quatro casas, todas com moradores da mesma família. Fiquei na casa da Telma, irmã da Sandra. A Eliane, esposa do Marquinhos, irmão delas, (da Telma e da Sandra), foi uma das primeiras alunas da Casa Redonda e o filho deles dois, foi o menino Jesus em um dos anos da Festa da Estrela, a celebração do Natal na escola.

A Casa Redonda Centro de Estudos é uma experiência que surgiu há 32 anos. Com o propósito de ser um espaço em que as crianças pudessem brincar livremente e dessa maneira, crescerem, aprenderem mais sobre si, o meio, os outros e com os outros. A Casa está localizada em Carapicuíba, São Paulo, e a preocupação principal dessa proposta educacional é permitir que as crianças sejam crianças. Desta forma, oferece diversos espaços pensados para que possam favorecer o desabrochar desse ser humano e fazer com que suas vontades instintivas se manifestem: “em suas brincadeiras a criança evidencia para nós a verdadeira tessitura do conhecimento que em liberdade e alegria nos aponta o princípio da fluência do ato criador” (PEREIRA, 2013, p. 32).

Em meio a uma vasta área verde e sem divisões para sala de aulas, a Casa Redonda pode ser considerada uma grande chácara. As crianças dividem os mesmos ambientes que são organizados e pensados para diversas brincadeiras e atividades durante as manhãs. Recebendo cerca de 30 crianças de 2 a 7 anos, sendo também uma escola de Educação Infantil.

Segundo Maria Amélia Pinho Pereira, Peo, idealizadora e criadora da Casa Redonda, a transformação de uma casa em um espaço em que as crianças pudessem brincar, foi um processo lento e pensado com bastante carinho. Fruto de estudos e conversas com pesquisadores de diversas áreas, alguns nomes merecem destaque. Citarei o de Agostinho da Silva, educador, filósofo, ensaísta e poeta português, que sempre afirmou a liberdade como a mais importante qualidade humana e Lydia Hortélio, que participando da experiência da Casa Redonda, defende a existência de uma cultura da infância e da alegria presentes no gesto do brincar (PEREIRA, 2013, p. 18).

O projeto educacional da Casa Redonda iniciou-se com oito crianças que moravam próximas à escola. Sem saber se daria certo, ou não, a ideia de tal educação diferenciada, a primeira criança que ficou na escola sem ser morador da Vila, era filho de um casal da USP. Segundo relato de Maria Amélia, tal criança esqueceu um carrinho de brinquedo na escola, então ela soube que eles voltariam no dia seguinte. Para sua surpresa, voltaram e trouxeram mais três crianças.

“Somos uma Escola? Sim, se nos reportarmos à etimologia da palavra escola, que em grego (skhole) quer dizer ‘Tempo Livre’”. Criada com o intuito de proporcionar às crianças o que as escolas até então não o faziam: dar tempo e liberdade para brincadeiras e, desta forma, criar oportunidades para que as crianças construam a sua própria aprendizagem e se descubram como seres humanos pertencentes a um contexto, bem como autores de uma história. Nesse sentido, a proposta educacional é deixar que as crianças sejam, de fato, as protagonistas de suas descobertas, curiosidades e caminhos. Ainda sobre a proposta educacional desta escola, sua principal preocupação e missão podem ser entendidas pela seguinte fala:

Desenvolver uma educação onde a dimensão do sensível esteja presente é, ao mesmo tempo, um sonho, uma aspiração e um compromisso da Casa Redonda. Afirmamos o nosso trabalho, efetivamente, na manifestação do ser brincante das crianças, em que por certo vamos reencontrar e assumir o tempo originário em que estamos imersos no todo e por isso estamos ligados a tudo. Manifestar com ciência essa consciência tem sido o exercício presente a cada instante do nosso convívio diário com as crianças deixando-as brincar em paz, exercendo o seu direito de estar no mundo pertencendo a si próprias, desenvolvendo as potencialidades que as levem a seguir em frente através das experiências significativas porque vividas no seu dia a dia. (PEREIRA, 2013, p. 34).

Fiquei uma semana na Casa Redonda em novembro de 2014 e em fevereiro de 2015 participei do curso denominado “Corpo de Criança”, realizado anualmente nesse espaço pelo médico e psiquiatra Dr. Paulo Toledo Machado. O curso possui a intenção de aprimorar o trabalho de educadores, pais e interessados em educação, principalmente às pessoas envolvidas no projeto da Casa Redonda. Dessa maneira, a formação é contínua e a troca de experiências diárias colabora para que os educadores se sintam mais seguros nesse processo de ensino-aprendizagem, re-ensino e reaprendizagem. Descobrimos a si mesmos como seres incompletos e que

ao buscar o aprendizado, terão possibilidades de atuar de maneira mais sensível e humana.

Além das observações, da interação com as crianças e também com os profissionais da escola, uma entrevista foi realizada ao final desse período em que lá estive com a Maria Amélia. Porém, por ter sido uma entrevista semiestruturada, as perguntas já tinham sido respondidas ao longo das minhas observações e conversas informais durante o tempo em que lá fiquei. Entendo aqui a importância de se fazer presente, com todos os sentidos aguçados e atentos ao meio em que se está inserido e nas relações que são estabelecidas ali.

No primeiro dia em que cheguei à escola, ainda não sabia ao certo se ficaria lá ou na casa da família da Telma. Sem tempo a perder, pois as crianças já estavam chegando naquela manhã, a Maria Amélia me instalou em um quarto dentro da Casa Redonda e disse que eu poderia passar aquela noite lá, sem problemas. A primeira pergunta que fiz para todos os educadores e principalmente para a Maria Amélia foi se eu poderia interagir com as crianças nesse período ou se somente poderia observar. E a resposta de todos me deixou ainda mais empolgada, é claro que sim. Enquanto as crianças começavam a chegar, fui caminhando pelo espaço da Casa Redonda e ao longo do período em que fiquei lá, foi possível perceber as possibilidades que cada espaço guardava em sua forma.

Ao chegar ao portão, é preciso descer um caminho inclinado (Figura 10) que finda em um espaço quadrado, ponto de partida para outros lugares. Seguem então: outro espaço quadrado onde ficam guardados os caixotes verdes, com um banheiro infantil, um grande banco semelhante ao de uma praça e uma estante com diversos brinquedos; um espaço redondo localizado um pouco abaixo do terreno (Figura 11), também com caixotes verdes, mesas e armários ao redor; um grande gramado na lateral da chácara; pneus, cordas, pula-pula, madeiras e balanços formam brinquedos que desenvolvem principalmente a força e o equilíbrio (Figura 12); dois grandes tanques de areia (Figura 13); uma casa na árvore. Enfim, a própria Casa Redonda (Figura 18), que possui uma claraboia em seu centro, permitindo a entrada dos raios de sol ou da inconstância das nuvens, um grande quadrado oco ao centro é uma grande cama ou centro de massagem se quiser; e ao redor dela, espaços com fantasias (Figura 17), brinquedos de mesa, jogos, papéis com lápis de cor e giz (Figura 16), um lugar que se transforma em muitos.

Durante todas as manhãs, esses espaços são reorganizados de acordo com as intenções dos educadores envolvidos na Casa Redonda. No redondo de baixo, foram colocados instrumentos musicais em um tapete, uma mesa com pedras, folhas secas, argila e ferramentas para que as crianças fizessem os enfeites para a Festa da Estrela (Figura 15). Perto dos tanques de areia, um tapete foi estendido com três grandes gavetas de areia, cestas contendo animais de plástico e de madeira, itens de cozinha, um baú com móveis de madeira, ganhando vida e sentido nas mãos das crianças. Gavetas estas, que são chamadas pela Maria Amélia de “caixas da democracia” (Figura 14), onde nelas, as crianças reconhecem e respeitam o próprio espaço e o espaço do outro.

Dentro da Casa Redonda, várias atividades acontecem ao mesmo tempo. Enquanto quem brinca de pique-esconde ou pega-pega corre por lá, outras crianças procuram a fantasia que querem vestir naquele instante, umas desenham e pintam nas mesas, outras deitadas no quadrado do meio, conversam ou descansam. Em um dos momentos em que observava as crianças dentro da casa, sentada em um banquinho, uma menina me pediu para que eu a ensinasse a desenhar uma estrela. Peguei um papel e comecei a fazer os traços, tentando explicar de uma maneira de fácil compreensão. Em poucos segundos, a Maria Amélia e outra educadora chamaram minha atenção dizendo: “não faz isso, aqui a gente não ensina nada”.

Parei no mesmo instante de tentar ensinar aquela menina a fazer uma estrela. E em conversa posterior com as duas, Maria Amélia e a outra educadora, elas me explicaram que a criança saberia sozinha, desenhar uma estrela. Que ninguém precisava ensinar justamente por não existir uma maneira certa de fazê-la e que qualquer coisa que ela desenhasse, poderia dizer ser uma estrela. Nesse momento, percebi que o espontâneo é valorizado nesse espaço educacional, assim como a criatividade e liberdade das crianças. A experiência do sensível pulsa por todos os cantos da Casa Redonda, o conhecimento nasce primeiro dentro das crianças, depois dentro desse espaço:

“A palavra educação, se traduzida ao pé da letra, como diz o povo, ou ao pé do som, como dizem nossos índios, ou ainda ao pé do fonema, como diz o linguista, é compreendida por nós na sua essência como um movimento, o “deixar acontecer”, a manifestação do impulso criativo contínuo” (PEREIRA, 2013, p. 24).

Essa foi apenas a primeira, das várias vezes, em que pude perceber o “deixar acontecer” nesse espaço. Com tempo livre para brincar, as crianças se organizam de maneira natural em grupos de acordo com as afinidades e vontades do momento. Esse movimento foi observado todos os dias, pois, não existindo hora limitada para a realização de alguma atividade, as crianças começavam e terminavam o que estavam fazendo de maneira espontânea. Uma coisa interessante é a gentileza demonstrada pelo seguinte fato: quando se termina de brincar com algo ou em algum espaço, deve-se deixar o que foi utilizado organizado para que as outras crianças possam brincar também se quiserem.

Durante o período em que fiquei na Casa Redonda, não presenciei nenhum conflito entre as crianças, mas indaguei sobre o tema, por entender ser parte de qualquer interação social. Em conversa com a Maria Amélia sobre isto, ela me relatou que certa vez, num momento de desentendimento entre duas crianças por causa de uma brincadeira, ela trabalhou a provocação dos que estavam envolvidos, fazendo com que eles se entendessem no mesmo instante em que certos sentimentos vieram à tona. Numa outra situação, as crianças maiores perceberam a exclusão de uma criança menor e convocaram uma assembleia com todas as crianças da escola, para que juntas encontrassem uma solução. Demonstrando nesse ato, as possibilidades que a autonomia exerce na interação social, especialmente em um ambiente escolar.

A singularidade desse trabalho é possível, além pela atenção e respeito que são dados aos sentimentos e vontades das crianças, pela quantidade de crianças que ocupam esses espaços da Casa Redonda, uma média de trinta. Indagada pelo seu irmão, se isso não seria um privilégio, essa quantidade nesse espaço todo, Peo lhe disse: “isso aqui não é uma fábrica”. E refletindo sobre isso, dificilmente seria possível a mesma atenção e cuidados com alguém que fosse excluído em um colégio como o La Salle, onde estudei.

Além disso, a diversidade e organização desses espaços da Casa Redonda exerce papel fundamental em como esses sujeitos interagem e respondem a esse meio. Podendo correr, brincar, cantar, dançar, ou simplesmente relaxarem com uma massagem, dificilmente encontraríamos e de fato, não encontrei, uma criança fazendo birra ou chorando por não querer fazer algo. Entendendo a birra como uma

contrariedade ao que é proposto, todos esses espaços permitem que a criança escolha o que lhe agrada e deseja.

Durante o curso “Corpo de Criança”, do qual participei nesta escola, um dos assuntos abordados foi exatamente a importância de compreender que esse meio em que a criança cresce exerce influências sobre ela. O despertar da consciência, para Carl Gustav Jung, segundo o Dr. Paulo Toledo Machado, se dá quando a criança fala “eu”. Pois até então, ela se confunde com o meio em que está inserida, com a família e com as pessoas mais próximas como cuidadores e educadores. Seguindo este pensamento, Paulo Machado ainda compara as crianças da atualidade com os bonsais, um tipo de planta japonesa que é cultivada em bandejas ou vasos pequenos. Árvores que foram extremamente educadas e que não tiveram espaço para crescerem. E defende a escola como um espaço em que as crianças deveriam ter, de fato, espaço para extravasar e liberar a energia que possuem:

Essa capacidade de percepção da vida que a criança anuncia pertence, na verdade, a todos, independente da idade, constituindo um acervo significativo da existência humana. É ela justamente a luz que incomoda e que ameaça iluminar o sombrio e desequilibrado sistema civilizatório que estamos vivendo, excluindo, marginalizando e tentando eliminar de forma violenta outros níveis de percepção da realidade (PEREIRA, 2013, p. 247).

A partir daí, compreender que uma revolução no atual modelo de educação predominante em nosso país se faz necessária, é assumir uma responsabilidade com as nossas crianças. Se ainda portamos o discurso de que elas são o futuro do nosso país, em um diálogo do Paulo Machado com algumas crianças, elas nos retrucam: “só a gente”? A educação não deve ser vista somente como uma responsabilidade da escola, ela começa em casa e se estende aos diversos espaços sociais.

Possibilitar que todos cresçam nesse processo, crianças, famílias e educadores, é sim um desafio. Quando pensamos que diversas vezes, a responsabilidade de educar é terceirizada apenas para a escola e, além disso, quando olhamos para a sociedade tão competitiva e desconectada com o sensível em que vivemos. Se for uma utopia pensar que podemos mudar o mundo através da educação, comecemos então a mudar a nós mesmos na busca do sensível e humano presente em nós, para que possamos ser melhores primeiro para nós

mesmos, e que simultaneamente, possamos também fazer e ser a diferença para o que nos é externo.

5 EM UMA CIRANDA DE VIVÊNCIAS

Refletir sobre todas essas experiências educacionais vividas, como estudante e como educadora, me fez percorrer os caminhos já passados com outros olhos. Os espaços de vivências e de interações em todas essas escolas que descrevi, diferem-se e assemelham-se em alguns pontos, que serão a partir de agora materializados através de fotos. Todas elas fotografadas por mim e com a sua publicação autorizada pelas escolas. A intenção não é de comparação ou julgamento de qualidade, a exposição desses espaços é somente para clarear como eles são pontos essenciais quando se fala em educação e mais ainda, das possibilidades que ela pode oferecer. As fotos que se seguem são das escolas: Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo e Casa Redonda Centro de Estudos.

5.1 Vivendo e Aprendendo

Ao entrar nesta escola, que possui seu espaço delimitado com cercas, permitindo a visão do que está fora, é inevitável perceber a importância que a natureza ocupa nesse ambiente educacional. Mesmo que em um meio urbano, é no Parque o principal local de encontros e descobertas das crianças com outras, consigo mesmas e com esse meio.



Figura 1. Parque da Vivendo e Aprendendo visto do portão de entrada.

No Parque, um grande tanque de areia contém brinquedos fixos que ajudam principalmente no desenvolvimento psicomotor das crianças, equilíbrio e força, além de brinquedos avulsos que as ajudam a criar e imaginar diversas brincadeiras nesse espaço. Ao término da hora destinada ao Parque, as crianças devem guardar esses brinquedos num grande quadrado cercado. O Parque possui também a Casa do Lobo, que foi construída com o intuito de desmistificar o fato de ele ser “mal”. Na Casa do Lobo, todos podem entrar e brincar a vontade!



Figura 2. Brinquedos fixos no tanque de areia.



Figura 3. Cercado onde os brinquedos devem ser guardados ao término da hora do Parque.



Figura 4. Casa do Lobo construída pelo Ciclo 2 matutino, do ano 2014 com a ajuda dos pais da turma e associados.

Seguindo pelo caminho de concreto que existe no Parque, chegamos ao outro portão da escola que nos leva às salas de aula, estas se assemelham a casas pequenas, à secretaria, à coordenação e ao galpão. Lugares que são predominantemente coletivos em sua organização.



Figura 5. Galpão da Vivendo e Aprendendo. Espaço multiuso de interação, socialização, brincadeiras e reuniões.



Figura 6. Salas da aula denominadas Ciclos. Sala Azul, Amarela e Lilás.

Dentro de cada Ciclo, a maioria das atividades realizadas visa à interação e aprendizagem por meio das experiências das crianças. Aliás, não somente dentro deles, mas em todos os ambientes dessa escola. O tatame presente em cada sala é o responsável por grande parte dessa interação, onde nas rodas iniciais e finais, todos conversam, trocam vivências e socializam com os outros presentes na turma. É no tatame que os combinados são feitos ou desfeitos, de acordo com as necessidades das crianças. Além disso, cada sala possui sua estante de brinquedos e livros, estes, dominam a roda de leitura ao final dos períodos.



Figura 7. Tatame com almofadas da Sala Azul.



Figura 8. Mesas e bancos da Sala Azul.

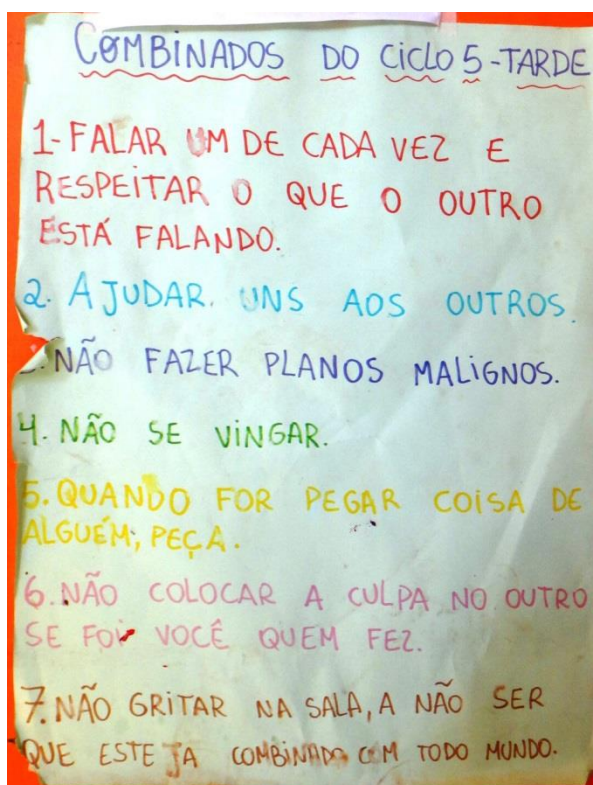


Figura 9. Combinados do Ciclo 5 Vespertino, Sala Laranja.

O bem estar da coletividade é uma preocupação presente não só nos espaços da Vivendo e Aprendendo, mas também nas metodologias e concepções de educação dessa escola. O diálogo e a amorosidade estão presente na maioria das atividades e espaços, incentivando a expressão das crianças do que estão

sentindo e querendo. Esse cuidado com o outro se manifesta nos combinados de cada turma, mas principalmente quando a criança, na exteriorização de seus sentimentos, tem espaço para ser ouvida pelos outros com o “não gostei”. Expressão que na maioria das vezes, inicia um diálogo com o objetivo de conciliação em alguma situação de desentendimento.

Vivenciar essa experiência como educadora na Vivendo e Aprendendo possibilitou que eu, como educadora, me questionasse e me redescobrisse a cada dia acerca das minhas verdades. A possibilidade de reflexão e expressão oferecidas nesta escola me mostrou principalmente que, se as pessoas conversassem e realmente mostrassem aos outros o que sentem e pensam, vários desentendimentos e desencontros seriam evitados, ou pelo menos, resolvidos de uma maneira mais pacífica. O tempo para o diálogo é essencial em relações humanas, mas especialmente na educação.

5.2 Casa Redonda

A Casa Redonda é uma escola que parece ser uma grande chácara ou quintal. Em meio a uma vasta área verde, o terreno irregular ajudou na preparação de diversos espaços de interação. Ao descer a rampa que nos leva ao “centro-base” do terreno, percebemos essas divisões e decidimos para onde ir a partir daí. Descendo pela direita, chegamos a um espaço multiuso redondo aberto e coberto, onde atividades que visam principalmente maior interação foram desenvolvidas no período em que lá estive. Na lateral do terreno, um gramado é o destino ideal para quem quer correr ou para alguma brincadeira mais agitada. Próximas a esse espaço há algumas estruturas construídas de madeiras, cordas, bambus e pneus que são também instrumentos de diversão e desenvolvimento.

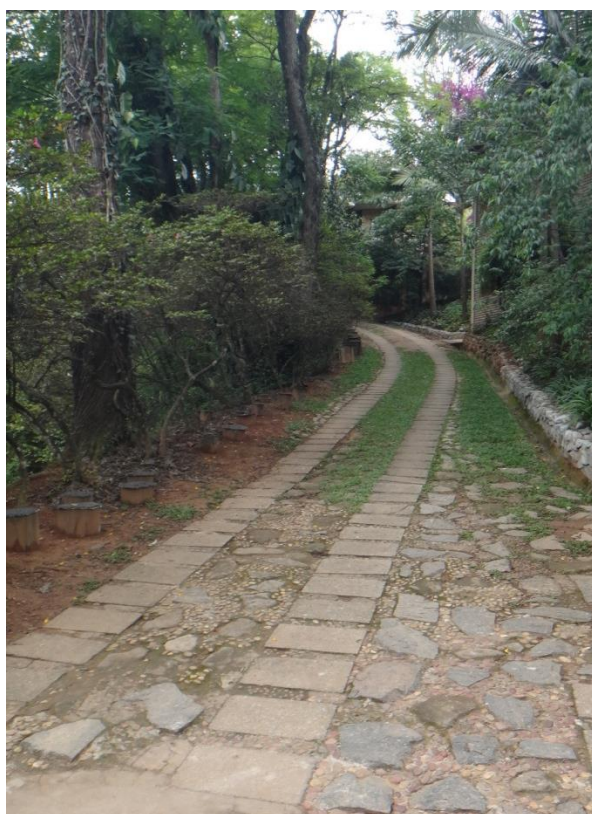


Figura 10. Rampa do portão ao "centro-base" do terreno da Casa Redonda.

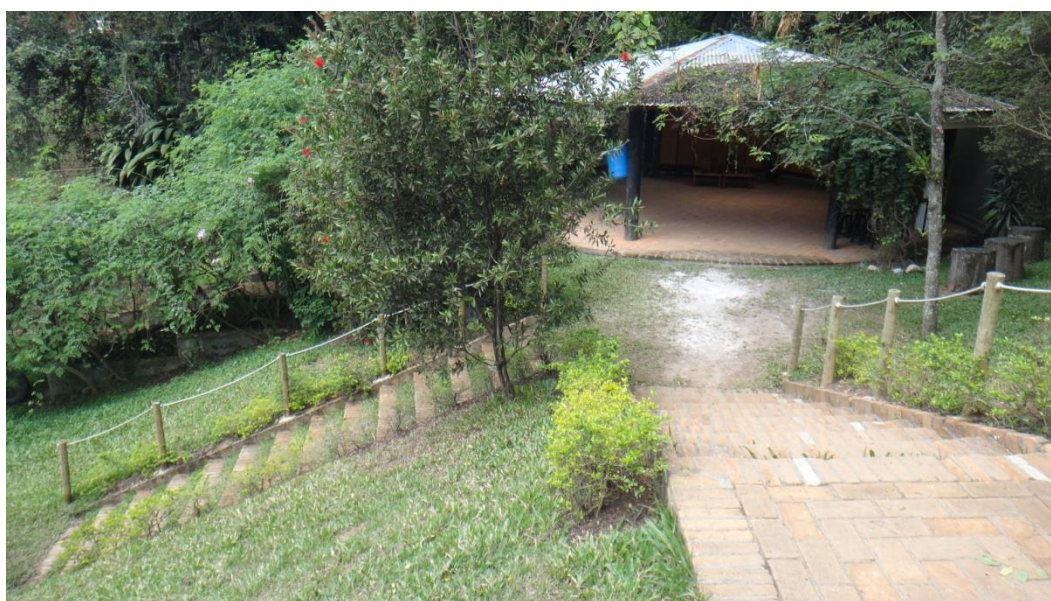


Figura 11. Espaço multiuso redondo aberto e coberto na descida do terreno.



Figura 12. Gramado na lateral do terreno e brinquedos feitos com materiais readaptados.

As manhãs na Casa Redonda não seguem uma rotina ou divisão de horários. Os vários ambientes são organizados de acordo com o tempo, chuva ou sol, e também de acordo com a intenção dos educadores envolvidos neste Projeto. Durante o período em que pude ficar lá, o sol e a chuva foram considerados a cada dia, mudando às vezes, o que tinha sido planejado para aquela manhã. Os tanques de areia, por exemplo, ficam abertos, ou não, a depender do clima.



Figura 13. Tanques de areia.

Com as “caixas da democracia”, nome dado pela Peo, as crianças entendem o limite do espaço de cada brincadeira e grupo, construindo o que quiserem com os elementos que ficam dentro do cesto ou com o que encontram na natureza. Nas esteiras ou tapetes estendidos, a imaginação é a grande mestra. Ao término de cada brincadeira, a organização do espaço deve ser mantida para que as próximas crianças que queiram, possam também brincar. Um elemento significativo também é a argila, que todos os dias é exposta em diferentes lugares, com elementos decorativos, peças naturais e ferramentas assessoriais, para que as crianças construam o que desejarem.



Figura 14. Gavetas com areia denominadas pela Peo de "caixas da democracia".



Figura 15. Argila, ferramentas e materiais disponibilizados para a livre utilização das crianças.

Dentro da Casa Redonda algumas divisões são possíveis notar. Digamos que pequenas paredes transformam esse lugar em muitos. Mesmo não sendo um ambiente quadrado, falarei em cantos somente para simbolizar as divisões. Sendo assim: um canto para jogos de mesa e desenhos, um para fantasias, um para instrumentos musicais, um com alguns livros e ao centro, um grande quadrado almofadado que é berço de diversos momentos, relaxantes ou de faz de conta.



Figura 16. Interior da Casa Redonda, mesas e brinquedos disponíveis para o uso livre.



Figura 17. Canto das fantasias e instrumentos musicais.

Todos esses espaços estão organizados para que as crianças façam o que estiverem com vontade e na hora que quiserem. O desejo de fazer algo vem de dentro de cada uma delas. A intenção educacional devidamente planejada é expressa pelos itens que são evidenciados na organização desses espaços. Ainda assim, foi possível observar manifestações das crianças de desejos por coisas que não estavam tão evidentes. Entendendo que, mesmo que os espaços tentem possibilitar o máximo de trocas possíveis, algumas demandas não estarão explícitas nem para os educadores envolvidos e talvez nem para as crianças. Exigindo então, sensibilidade e atenção às diversas possibilidades que a escola proporciona, bem como, as demandas que as crianças fazem a ela.

A experiência na Casa Redonda foi uma grande estimulação ao fazer diferente. Não somente em relação à organização dos espaços, mas principalmente em deixar a criança ser. Deixar nascer algo nela antes que sejam impostas qualquer ideia ou conceito. Isso é possibilitar. É o que a educação deve fazer para todos nós e por todos nós.



Figura 18. Lateral e entrada da Casa Redonda Centro de Estudos.

CONSIDERANDO AS PERSPECTIVAS

Questionar a predominância dos modelos educacionais existentes, de certa forma tradicionais e criar novos espaços educativos, é possibilitar alternativas não somente às crianças, especialmente na educação infantil, mas também a todo esse sistema em que estamos inseridos. A naturalidade com que aceitamos durante muito tempo diversas ações e acontecimentos inapropriados em ambientes educacionais, como por exemplo, o incentivo a competitividade e extrema disciplina, são uma constatação de como o próprio sistema se mantinha.

Compreendo hoje, que durante o período em que estive nas duas escolas que descrevi anteriormente, como estudante, o foco da formação era diferente, embora o sujeito fosse o mesmo. Se no Jardim o mais importante era a interação e crescimento a partir de experiências, no La Salle a preocupação era com o que eu era capaz de absorver das diversas disciplinas da minha grade horária. Sinto certa nostalgia em pensar que poderia ter sido muito mais explorada artisticamente durante esse período do ensino fundamental e médio, mas ao mesmo tempo, fico feliz em saber que apesar desse cenário, minhas habilidades não foram diminuídas, apenas não eram tão valorizadas neste ambiente educacional em que estive presente.

Infelizmente, isso não acontece com todo mundo. A dinâmica de grande parte das escolas na atualidade é o reflexo de uma sociedade que estimula o individualismo e a competição em diversos espaços. Além de fazer da infância o berço dessa corrida maluca e que parece não ter fim, tem transformado não só esse ritmo, mas também a saúde mental, psicológica, emocional e cognitiva dessa sociedade. Acostumando, o quanto antes, cada um a preocupar-se somente consigo, com o espaço que “lhe cabe”.

Fomos educados e aceitamos educar da mesma maneira, sem ressalvas, durante séculos. Atendendo a objetivos locais ou gerais, a educação não deve ser entendida como algo efêmero, tão pouco imposta. Sendo um reflexo do social em que está inserida, a escola deve ser o melhor lugar do mundo enquanto se estiver lá. É na escola que as interações internas e externas acontecem durante grande parte de nossas vidas, é nela que não somente inúmeras descobertas são construídas, mas também reconstruídas e compartilhadas.

Essas construções, de si, de aprendizagens e dos outros, em ambientes escolares, ocorrem nos espaços que a escola possui e possibilita aos seus educandos. Não se limitando ao que as instituições possuem a oferecer, mas ao que de fato deixam acontecer. Mais importante do que suas estruturas, são as suas intenções. Para além da localização, espaço físico ou limitações, as escolas podem se transformarem em lugares incríveis, fantásticos e encantados. As salas de aula, que ainda predominam nas escolas, permitem infinitos cenários e arranjos, embora seja uma limitação com quatro lados, é também um lugar mágico onde tudo acontece e pode acontecer, além de todos os outros espaços das escolas.

As experiências educacionais não precisam reprimir a liberdade para que garantam a aprendizagem. Especialmente quando falamos de educação infantil, não consigo imaginar aprendizagem sem liberdade, menos ainda crianças sendo obrigadas a ficarem sentadas em suas cadeiras, quietas, caladas, olhando para a frente. Educação é movimento, é ele que permite a experiência. Corpos precisam se movimentar, essas energias precisam ser liberadas, exploradas e potencializadas em nossas escolas.

Durante o período em que pude conhecer e vivenciar as práticas inovadoras da Vivendo e Aprendendo e Casa Redonda, o mais lindo foi perceber que as crianças constroem diversos aprendizados sozinhas, em grupos e independente de nós adultos. Esses espaços educacionais favorecem a liberdade e autonomia, deixando com que as crianças estabeleçam relações democráticas com os outros e também com os espaços. Deixar ser deveria ser o nosso maior objetivo ao educar.

A dinâmica de nossa prática educativa deve ser um reflexo de nossa vivência, “educador não ensina aquilo que sabe, transmite aquilo que é” (PACHECO, 2013³). Então que sejamos primeiramente, inteiros para nós em nossas experiências, para que possamos assim, permitir que os outros sejam também inteiros em seu ser, sem limitações espaciais ou dogmáticas. Que possamos não criar barreiras ou correntes para o conhecimento, para qualquer tipo de conhecimento e que sejamos nós os primeiros a nos libertarmos, para deixarmos que os outros nem cheguem a se prender.

³ José Pacheco: Educador e idealizador da Escola da Ponte, em Portugal. Citação extraída durante uma roda de conversa que participou no I CONANE, (Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação), no ano de 2013.

Pelas experiências que tive e mudanças que estou vendo acontecerem atualmente, uma nova sociedade está surgindo. Novos interesses estão fazendo com que novas possibilidades floresçam, não somente como alternativas ao complexo sistema do capital, mas principalmente com o foco no ser humano. As alternativas aos hábitos são inúmeras: alimentares, saudáveis, culturais e também educacionais. As transformações estão crescendo e formando seres humanos mais conscientes. Conscientes de si, dos outros, do meio em que estão inseridos e do que podemos fazer para tornar o nosso mundo um lugar melhor. É nisso que acredito, é isso que convido vocês a acreditarem e a construírem junto comigo.

As minhas perspectivas não poderiam ser outras, além de querer construir e ajudar no crescimento dessa nova educação, de práticas inovadoras. Práticas que permitam mais do que limitem, construam mais do que reprimam e que ajudem não só as nossas crianças, mas todos os envolvidos em educação, todos que estão a minha volta. Desejo que a minha atuação pedagógica seja sempre humana, favoreça boas interações, inúmeras trocas e aprendizados com os outros, com os espaços e que eu consiga melhorar, ainda que só um pouco, o nosso mundo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I. Vol. 1. O ensaio como forma**. Ed. 34, 2003. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B0pxrzVyC-DvN2YxODYwOTEtMWNIOS00MzNhLTgxYjltOWUxMDhmMjhkYWYz/view?pli=1>> acesso em 27/07/2015.
- ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO. **Escrevendo e Aprendendo/ Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo**. Brasília. 2ª ed. Ano I. N1, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- CAVALCANTI, Lana S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 10ª ed. Campinas, SP. Ed. Papirus, 1998.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**. 4ª ed. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história de violência nas prisões**. 40ª ed. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2012.
- FRAGO, Antonio Viñao e ESCOLANO, Agustín. **Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro. Ed. DP&A, 1998.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 5ª ed. 1ª reimp. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2013.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1ª ed. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2014.
- LIMA, João Gabriel e BAPTISTA, Luis Antonio. **Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin**. In: *Princípios Revista de Filosofia*, Natal – RN, v. 20, n. 33, jan./jun. 2013.

PEREIRA, Maria Amélia P. **Casa Redonda Centro de Estudos**. São Paulo. Ed. Livre, 2013.

PEREIRA, Maria Amélia P. **Derrubaram os últimos Jardins para construir prédios**. In: Revista Linhas Críticas, Brasília, v. 8, n. 14, jan./jun. 2002.

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro. Ed. Graphia, 1999.

RÉGIO, José. **Poema Cântico Negro**. Disponível em: http://www.releituras.com/jregio_cantico.asp acesso em 16/06/2015.

ROBINSON, Ken. **As escolas matam a criatividade?** Califórnia, EUA. 2006. Disponível em: http://www.ted.com/talks/ken_robinson_says_schools_kill_creativity#t-23594 acesso em 24/04/2015.

Documentário **Tarja Branca: A Revolução que Faltava**. Maria Farinha Filmes, 2014. Disponível somente em DVD.

Ementa do PESPE disponível em:

https://wwwsec.serverweb.unb.br/matriculaweb/graduacao/disciplina_pop.aspx?cod=194689 acesso em 03/08/2015.

APÊNDICES

CUIDADOS ÉTICOS – TERMO DE COMPROMISSO PARA FINS DE PESQUISA ACADÊMICA

Esse é um termo de compromisso entre pesquisador e pesquisa. Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, estabelece-se vínculo entre o espaço educacional e/ou pessoa entrevistada com o pesquisador para a realização da pesquisa de campo e sua posterior publicação.

Sendo um vínculo entre Lucilaine da Silva Lêla Gomes, formanda do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília do primeiro semestre de 2015, com o destinatário citado abaixo.

Fica aberto aos espaços e pessoas entrevistadas que a qualquer momento possam repensar sobre esse termo de compromisso e suspendê-lo. Porém espero que nosso encontro tenha sido tão grandioso, rico e especial quanto foi pra mim e que essa ajuda seja também um reconhecimento da singularidade desse encontro. Obrigada a todas e todos!

Nome do espaço educacional:

Nome da pessoa entrevistada:

Assinatura:

_____ de _____ de 2015.